

**ONDE ESTÃO AS  
FLORES, AS CORES,  
OS ODORES, OS  
SABERES E OS  
SABORES DO  
CERRADO  
BRASILEIRO? O  
AGRO/HIDRONEGÓCIO  
COMEU!**

**¿DÓNDE ESTÁN LAS  
FLORES, LOS  
COLORES, LOS  
OLORES, LOS SABERES  
Y LOS SABORES DEL  
BIOMA CERRADO  
BRASILEÑO? ¿EL AGRO/  
HIDRONEGOCIO  
COMIÓ!**

**WHERE THEY ARE THE  
FLOWERS, THE  
COLORS, THE ODORS,  
TO KNOW AND THE  
FLAVORS TO THEM OF  
THE BRAZILIAN  
CERRADO (SAVANNA)  
BIOME? THE AGRI/  
HYDRO BUSINESS ATE!**

**HELENA ANGÉLICA DE  
MESQUITA**

**UFG/CAMPUS CATALÃO**  
helena@wgo.com.br

**Resumo:** Este texto discute o vertiginoso processo de devastação do Cerrado brasileiro, procurando mostrar a questão do ponto de vista dos povos cerradeiros. O Cerrado é o berço das águas das principais bacias hidrográficas da América do Sul. Este bioma está sofrendo vertiginosa destruição. O processo de modernização da agricultura avança sobre as matas ciliares, as veredas e as nascentes, expulsando os camponeses e homogeneizando as paisagens com monoculturas, comprometendo a sua biodiversidade característica. Outro grande risco, hoje, é a expansão do modelo energético, que ameaça seus rios com a construção de barragens para Aproveitamento Hidrelétrico (AHE) e Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs). O processo de destruição do Cerrado pelo agronegócio e pelo hidronegócio afeta toda a sociedade, e o campesinato é o segmento social comprometido mais diretamente, pois são homens de lida íntima e direta com a terra, com a qual se relacionam com respeito, afinal é a terra seu principal meio de vida e perder a terra é ser expropriado da cultura, das tradições, do modo de vida e da cidadania, pelo rompimento de teias de relações sociais centenárias.

**Palavras-chave:** Cerrado; Agronegócio; Hidronegócio; Devastação; Ocupação predatória.

**Resumen:** Este texto discute el vertiginoso proceso de devastación del Bioma Cerrado Brasileño, procurando mostrar la cuestión del punto de vista de los pueblos cerraderos. El Bioma Cerrado es la cuna de las aguas de las principales cuencas hidrográficas de la América del Sur. Este bioma está sufriendo vertiginosa destrucción. El proceso de modernización de la agricultura avanza sobre las matas ciliares, las veredas y las nacientes, expulsando los campesinos y homogeneizando los paisajes con monocultivos, comprometiendo su biodiversidad característica. Otro gran riesgo, hoy, es la expansión del modelo energético, que amenaza sus ríos con la construcción de represas para Aprovechamiento Hidroeléctrico (AHE) y Pequeñas Centrales Hidroeléctricas (PCHs). El proceso de destrucción del Bioma Cerrado por el agronegocio e por el hidronegocio afecta toda la sociedad, y el campesinado es el segmento social comprometido más directamente, pues son hombres de faena íntima y directa con la tierra, con la cual se relacionan con respeto, al final es la tierra su principal medio de vida y perder la tierra es ser expropiado de la cultura, de las tradiciones, del modo de vida y de la ciudadanía, por el rompimiento de las telas de relaciones sociales centenarias.

**Palabras clave:** Bioma Cerrado; Agronegocio; Hidronegocio; Devastación; Ocupación predatoria.

**Summary:** This text argues the vertiginous process of destruction of the Brazilian Cerrado (savanna) biome, looking for to show the question of the point of view of the Cerradeiros peoples. The Brazilian Cerrado (savanna) biome is the cradle of waters of the main hydrographical basins of the South America. This biome it is suffering vertiginous destruction. The process of modernization of agriculture advances on the cilium bushes, the trails and the springs, banishing the Peasants and mixed the landscapes with cultivations, compromising its characteristic biodiversity. Another great risk, today, is the expansion of the energy model that threatens its rivers with the construction of barrages for Utilization Hydroelectric (AHE) and Small Hydroelectrics Central (PHCs). The process of destruction of the Brazilian Cerrado (savanna) biome for the agribusiness and the hydro business affects all the society, and the peasantry is the compromised social segment more directly, therefore they are men of close chore and direct with the land, with which if they relate with respect, after all it is the life land its main one half and to lose the land is to be expropriated of the culture, the traditions, the way of life and the citizenship, for the disruption of web of centennial social relations.

**Words - key:** Brazilian Cerrado (savanna) biome; Agribusiness; Hydro business; destruction; Predatory occupation.

## INTRODUÇÃO

A preocupação com a degradação do Cerrado está muito presente no curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, especialmente os professores e alunos, tanto de graduação como de pós-graduação (mestrado), vinculados ao Grupo de Pesquisa: Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM). Estão sendo desenvolvidas pesquisas teóricas e empíricas que apontam a necessidade de se estudar o Cerrado e os povos cerradeiros com uma visão mais crítica e mais humana, afinal vivemos no seu *cori* e convivemos com sua devastação brutal. Assim estamos muito incomodados com tudo isso e este texto pretende incomodar e convidar à reflexão.

O Cerrado brasileiro é um bioma ainda pouco estudado, mas está sofrendo, nos últimos anos, vertiginosa destruição. O processo de modernização da agricultura, intensificado nas décadas de (19)80 e (19)90 avança sobre as áreas mais planas e melhor irrigadas destruindo as matas ciliares, as veredas e as nascentes, expulsando os camponeses e homogeneizando as paisagens com monoculturas, comprometendo a biodiversidade característica desse bioma. Outro grande risco para o Cerrado, hoje, é a expansão do atual modelo energético, que ameaça seus rios com a construção de barragens para Aproveitamentos Hidrelétricos (AHEs) e Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs). A possível construção de dezenas de barragens provocará desastres no ambiente e na sociedade com efeitos irreversíveis a curto, médio e longo prazos. O Cerrado é o berço das águas das principais bacias hidrográficas da América do Sul, portanto o barramento dos seus rios, além de destruir o que resta do bioma e desalojar os povos cerradeiros, afetará todo o sistema hídrico sul-americano.

O processo de destruição do Cerrado pelo agronegócio e pelo hidronegócio afeta toda a sociedade, e o campesinato é o segmento social comprometido mais fortemente, pois são homens de lida direta com a terra, afinal é a terra seu principal meio de vida e perder a terra é ser expropriado da cultura, das tradições, do modo de vida e da cidadania pelo rompimento de teias de relações centenárias.

Os camponeses expulsos de suas terras pela agricultura modernizada que se negaram a sucumbir refugiaram-se nas terras das “quebrada”, ou seja, nos terrenos rugosos e os vales dos rios. A proposta de construção de barragens para AHE e PCHs em quase todos os cursos d’água do Cerrado vai desalojar outra vez essa população.

Os camponeses brasileiros enfrentam secularmente o latifúndio, que com a conivência do Estado, concentra renda e terras gerando fome e pobreza. Se os camponeses lutaram contra o latifúndio em todos os tempos da história do país, recentemente têm de enfrentar os conglomerados econômicos estrangeiros e nacionais que privatizaram o setor elétrico e expandem a construção dos AHEs e PCHs, cujas represas expulsam da terra milhares de famílias.

Para ilustrar os efeitos do processo de modernização sobre o ambiente e sobre a sociedade trago as sábias palavras de um camponês que assistiu sua terra, no Cerrado, ser transformada em um *mar* de soja. O depoente, um camponês de 75 anos de idade que sempre viveu no campo, mostra-se um profundo conhecedor das leis da natureza e da própria natureza humana<sup>1</sup>. O depoimento foi recolhido em 05 de dezembro de 1988, por ocasião de pesquisa de dissertação de mestrado da autora

Isso aqui era tudo um cerradão!  
tanto piqui, gabirola, frôr, arvre.  
E os bicho... us bicho era mato.  
Era bando de cento e vinte ema,  
sariema, pomba-do-bano, priquito,  
papagai, arara, tucano, carcará...

<sup>1</sup> O nome do camponês foi omitido a pedido do mesmo por se considerar “um roceiro” que “não sabia falar” Grifo meu.

Era muito passarim.  
Us viado campêro, us tatu, us melêta,  
as cutia, anta, capivara, lobo,  
e as onça... onça pintada e as onça preta.

Agora gente, gente era pôca.  
Fora perto da istrada,  
era só um cavaleiro campiano um'as reis  
de vêiz im quando.  
É, aqui tinha gado, mais num era muito.

Era um'as pôca cabeça...  
Um'a meia duza aqui, ôtas aculá.  
Hoje tem mais gado  
e us pasto é prantado.  
É lavora de capim, cum pôca arvre.  
As arvre virô lenha  
e vai pus secado de soja  
ô vira carvão.  
Nas carvuera sai carreta cheia de carvão.

De primero aqui num tinha cerca,  
u gado era criado sorto,  
num tinha lavora.

Tinha um'as mancha de mato  
nas cabicera dus rio e dus corgo.  
Tinha muita chuva.  
Chuvia até meis intêro.

No tempo das água  
o chapadão virava brejo.  
Tinha qui tirá u gado  
purque mulicia u casco.

Tinha muito oi d'água  
e us corgo era maió,  
era limpinho e tinha muito pexe.

A gente maginava qui as terra  
era fraca, num prestava pá lavôra...  
mais parece qui nós se inganô...

Hoje é cada baita de lavôra.  
É um'a lindeza! Dá gosto!  
U povo qui vêi de fora  
deu jeito nas terra...

Teve gente aqui qui pelejo pá fazê roça...  
num dava produção,  
marelava tudo, aí largava tudo  
e fazia as roça só nas quebrada.  
O chapadão ficava pru gado.

Quando us gaúcho vei  
e quisero comprá as terra,  
A gente vendeu u chapadão  
e fiquemo c'as terra das quebrada.  
Vendemo u chapadão quais de graça.  
As terra du chapadão  
num tinha sirvintia pra nós.

Nóis num sabia qui virava isso...  
mais eles tivero qui gastá muito,

muito dinheiro, num foi pôco não.  
 Gastô cum adubo, máquina,  
 até pô tudo du jeito qui tá.  
 Gastaro muito dinheiro e muito sirviço.  
 Gastaro muito e isso ninguém  
 daqui tinha cundição.

Hoje a gente óia e aonde  
 era cerrado é lavôra.  
 Parece um mar... mar de soja.  
 No lugá dus bicho e das arvre,  
 é puêra de máquina.  
 É maquinaro dimais.

Vi, num causo de hora,  
 um pedaço de Cerrado sumi.  
 Foi dirrubado cum correntão.  
 A terra ficou nuinha... faiz dó!

Esse povo qui vei pra cá,  
 us gaúcho, us paulista,  
 é gente muito deferente im tudo, pur tudo.  
 É deferente pá fala, nu modo de vivê...  
 mais é um povo muito bão.  
 Ez é prestativo, é boa amizade,  
 é muito iducado, trata bem us impregado  
 e pega nu eito junto c'us pião.  
 Ez tem calo na mão.  
 Ez tem muito dinheiro no banco.

As casa da fazenda tem tudo  
 qui é conforto, tem luiz, televisão, geladera, rádio, até telefone...  
 é iguale quarqué casa boa da cidade.

É... isso aqui agora é ôto mundo.  
 Quem pudia maginá deiz, doze ano atrais...  
 as istrada é boa, tem muito movimento...

É sô! As coisa mudô dimais.  
 As chuva mingüô.  
 Us animal, us bicho sumiro.  
 As água baxô muito...  
 Diz qui é pogresso!  
 Num sei não...  
 cada pessoa fala dum jeito!  
 Num só istudado, num sei muita coisa.  
 Num sei se vai risurtá im coisa boa!

A natureza tá cabano...  
 mais tão pruduzino muito,  
 pruduzino muita soja,  
 pruduzino muito gado.  
 Tão rancano muita riqueza do chão  
 mais parece qui o povo tá mais pobre...  
 só os dono é qui fica mais rico!<sup>2</sup>

As palavras do velho camponês estão muito atualizadas pois a sabedoria presente nelas evidenciam uma compreensão da realidade que muitos acadêmicos não alcançam, mesmo depois de anos de estudos.

Mais de 20 anos depois o que estamos assistindo é a “guludiça” desenfreada desse

---

<sup>2</sup> Depoimento recolhido em 05/12/1988 (chapadão de Santo Antônio de Rio Verde/município de Catalão/GO)  
 Pesquisa e organização: Helena Angélica de Mesquita

bicho louco, o agro/hidronegócio, que tudo devora com muito gosto, e deixa atrás de si o desgosto dos camponeses e o mau gosto no ambiente.

## DA PRODUÇÃO CAMPONESA AO AGRONEGÓCIO NAS ÁREAS DE CERRADO

- Cadê a terra que tava aqui?
- O agronegócio comeu.
- Cadê o agronegócio?
- Foi se juntar ao hidronegócio.
- Cadê os dois?
- Foram tirar a terra, a água, a comida, a casa, a família, os amigos... dos camponeses cerradeiros.
- Cadê os camponeses cerradeiros?
- ... estão se organizando...
- enquanto “seu” lobo apronta.
- E cadê o lobo?
- Tá aqui, tá ali, tá por toda parte...

O espaço agrário brasileiro vem sofrendo transformações que são o reflexo da política de modernização da agricultura, aplicada pelo governo a partir da década de (19)50. Os objetivos principais dessa política têm sido a vinculação do setor agrícola ao setor urbano industrial. Essa política se torna mais evidente no final da década de (19)60, com a aceleração do processo agroindustrial estimulado pelas condições mercadológicas. O aumento da produção agrícola e do produtivismo, inerente ao atual padrão de desenvolvimento do país, pouco questiona os efeitos sobre o ambiente e menos ainda sobre os trabalhadores e segue um tipo de modernização que potencializa a produção e circulação de alimentos, mas não amplia suficientemente a oferta dos mesmos e não consegue barateá-los, apesar da grande eficiência produtiva e comercial. Com isso aprofundam-se as desigualdades sociais no campo e na cidade, enquanto o desemprego, o subemprego e os salários aviltantes tiram do trabalhador a possibilidade de acesso aos alimentos em quantidade e qualidade desejável. Então, está posto o paradoxo típico do modelo de desenvolvimento adotado, que, de um lado devassa os salários, e do outro, gera impactos ambientais cujas conseqüências ainda não estão sendo devidamente avaliadas e contabilizadas, pois só serão consideradas quando começarem a afetar os lucros do setor. No presente, já são perceptíveis o comprometimento dos ecossistemas e a violência sobre os trabalhadores. Em contrapartida, a produção se viabiliza e novos métodos e técnicas são desenvolvidos para aumentar cada vez a produtividade da terra e do trabalho até limites extremos.

Nos modelos empresariais, são considerados mais os riscos para o capital do que para o ambiente. Os efeitos sobre o ambiente só começam a ser considerados à medida que interferem na reprodução do próprio capital, ou seja, quando já estão fazendo efeito sobre o volume da produção e sobre a intensidade da produtividade. Em muitos casos quando isso começa a acontecer a solução tem sido o abandono das áreas, que passam a ser “aproveitadas” para a pecuária e assim vai se avançando sobre as “fronteiras”. Isso tem sido comum ao longo do processo de modernização da agricultura no Brasil. É a agricultura empresarial que segue a lógica descrita por Porto Gonçalves:

A lógica empresarial, privada, se choca frontalmente com esses princípios na medida em que o ambiente é o lugar da convivência do que é diverso, onde natureza e cultura são uma totalidade complexa e contraditoriamente estruturada. A idéia de risco tem, no mundo empresarial, um sentido muito próprio, na medida em que um investimento contém, sempre, o risco de não dar certo. No mundo empresarial o investimento é remunerado de acordo com o risco que tem ou não de dar certo. Nessa idéia, está contida uma compreensão de que cada investimento privado, individual, se inscreve num ambiente em que os diversos agentes não têm o controle pleno dos seus efeitos e, por isso, há riscos. O contexto (o ambiente) não é uma simples soma das partes. Entretanto, se o mercado se mostrou hábil para encontrar mecanismos de remunerar os investimentos de acordo com seus riscos potenciais, o mesmo não se dá com relação aos riscos ambientais. Afinal, (...) o ambiente na sua materialidade qualificada não é redutível à lógica monetário-crematística quantitativa e, ainda, porque o tempo necessário para se repor

solos erodidos vai além do tempo da história humana, assim como a impossibilidade de reverter espécies extintas (extinção é para sempre) ou, ainda, de dar conta do lixo radiativo, por sua sobrevida de tempos que se contam em milhares ou milhões de anos, de recursos minerais que são por si mesmo não-renováveis. (Porto Gonçalves 2006, p.113)

O Cerrado, um bioma rico em biodiversidade, com seus campos, veredas, nascentes, córregos, rios, animais, enfim, com toda a riqueza de flora e fauna, tem sido um *locus* privilegiado de apropriação privada da natureza. A fragilidade do equilíbrio dentro da complexidade pedológica e a retirada da cobertura nativa em extensas áreas contínuas ou não, comprometem de forma drástica todo o Cerrado.

Os cultivos intensivos e extensivos nas áreas de Cerrado têm destruído, sistematicamente, subsistemas inteiros em vários lugares, com conseqüências ainda não devidamente mensuradas. Algumas transformações já podem ser observadas, porque já estão sendo sentidas pelos homens que lidam diretamente com a terra, como ficou evidenciado na fala do camponês citada na introdução deste texto, que já em 1988, evidenciava fortes mudanças: rebaixamento do lençol freático: *Na época das água, o chapadão virava brejo. Tinha muito oi d'água e us corgo era maió. As água baxó muito;* substituição total da cobertura vegetal: *Parece um mar... Mar de soja.* O velho Camponês tem clareza de que nesse *mar* poucos podem navegar. Afinal, como diz Fernando Pessoa “navegar é preciso; viver não é preciso”. A eliminação total do Cerrado: *A terra ficou nuinha... Faiz dó!* Para o velho camponês a cobertura vegetal é o manto, a vestimenta que cobre a mãe-terra e sem ele a mesma fica desnuda, ultrajada, violentada. O ancião percebe claramente o processo de exploração sobre o trabalhador e sobre o ambiente: *A natureza tá cabano... Mais tão pruduzino muito, pruduzino muita soja, pruduzino muito gado. Tão rancano muita riqueza du chão mais parece qui u povo tá mais pobre... só us dono é qui fica mais rico!* Com perspicácia, um profundo senso de observação e com o seu vocabulário específico o velho camponês descreve as inovações técnicas, as migrações, a fauna, a flora, a cultura, as relações de trabalho, as relações sociais e sobretudo identifica os efeitos sobre o ambiente. Afinal, aquela área era, até recentemente, um retalho de Cerrado naturalmente preservado.

A exploração comercial de novas áreas, até recentemente intactas, provoca a erradicação de espécies animais e vegetais. O processo de homogeneização da paisagem, gerado por cultivos em grandes áreas monocultoras, em substituição à heterogeneidade natural dos Cerrados, ou seja, a implantação dos grandes pacotes tecnológicos, extingue a cada ano, milhares de espécies com alto potencial nutritivo, sustentador do ecossistema.

Com a instalação das fazendas modernas, ou empresas rurais, novas áreas são incorporadas ao sistema produtivo de forma intensiva e sistematizada, trazendo grandes transformações às paisagens rurais e criando novas relações sociais sob comando do grande capital. Há um evidente desenvolvimento das forças produtivas mas em detrimento do trabalho e dos trabalhadores. Entretanto, as estruturas desse novo modelo não são muito diferentes das do anterior, que, em muitos lugares não foi substituído, pois o processo de modernização não se dá de forma homogênea, é descontínuo no espaço. As transformações se restringem às inovações tecnológicas de produção, circulação e armazenamento. No que diz respeito à estrutura fundiária e às estruturas sociais, estas são mantidas e até pioradas, visto ser o modelo adotado no país altamente concentrador e, conseqüentemente, excludente.

As práticas da agricultura moderna têm contribuído para a degradação ambiental em todas as regiões do mundo, e no Brasil o processo é mais grave porque ao se importar modelos tecnológicos não há uma preocupação em se considerar peculiaridades locais do solo, relevo, clima e mesmo dos aspectos culturais da população. O cultivo em solos inadequados às monoculturas tem contribuído muito para o avanço do processo de erosão e compactação dos mesmos. E a erosão também gera o assoreamento dos mananciais. O uso abusivo e indiscriminado de agrotóxicos compromete o ambiente, com a destruição dos nutrientes naturais dos solos e contaminação dos recursos hídricos. O mais grave é que todas essas práticas são estimuladas por políticas agrícolas adotadas pelo governo nas últimas décadas. E os saberes e fazeres de populações que habitam o Cerrado secularmente, são sistematicamente desprezados, quando não apropriados pelo capital para sua reprodu-

ção.

Nesse sentido, Porto Gonçalves comenta:

Há múltiplos conhecimentos práticos, saberes e fazeres, tecidos em íntimo contato com o mundo, no detalhe, conhecimentos locais, não necessariamente universalizáveis, que manejam o potencial produtivo da natureza por meio da criatividade das culturas (diversidade cultural). O desperdício desses saberes de povos indígenas, de camponeses, de quilombolas, de operários e de donas-de-casa pelo preconceito constituinte da colonialidade do saber e do poder é parte do desafio ambiental contemporâneo. (Porto Gonçalves 2006, p.119)

A agricultura camponesa alimentou a humanidade em todos os tempos. E se sempre houve fome, com certeza, esta não se vincula à questão da produção de alimentos. Assim como hoje, a falta de acesso aos mesmos se relaciona diretamente a questões de poder e dominação. A modernização da agricultura teve como justificativa a produção de alimentos para “acabar” com a fome que assolava grandes parcelas de populações pobres do Planeta e, no Brasil, o Cerrado se transformaria no “celeiro” do mundo. Mas, o Cerrado está sendo exportado na forma de *comodities* e a fome das populações pobres só não é pior graças aos programas assistencialistas dos governos. Junta com a exportação de soja e carnes exporta-se também a natureza (solos, árvores, água, biodiversidade) e se compromete culturas e saberes seculares.

O que não se pode perder de vista é que, apesar do agronegócio ser considerado por muitos seguimentos políticos e pelo setor econômico a “salvação da lavoura”, com certeza, a realidade e os dados estão a comprovar o contrário como disse o ministro do Desenvolvimento Agrário, Cassel, à Folha de São Paulo em 30/07/2007:

A agricultura familiar é responsável por cerca de 60% dos alimentos que chegam à mesa das famílias brasileiras e pela matéria-prima para muitas indústrias, representando 85% do total de estabelecimentos rurais do país. Além disso, contribui para o esforço exportador do Brasil, sendo responsável por cerca de 10% do PIB nacional. Ao todo, são aproximadamente 4,1 milhões de famílias gerando renda e respondendo por 77% das ocupações produtivas e dos empregos no campo. (CASSEL, 2007)

Com tudo isso e apesar disso “o Brasil caracteriza-se por ser um país que apresenta elevadíssimos índices de concentração de terra. No Brasil estão os maiores latifúndios que a história da humanidade já registrou” (OLIVEIRA 2003, p. 127). Isso mostra a força política do latifúndio e do próprio agronegócio, como seu par *siamês*. Em contrapartida, e do lado oposto, está a agricultura camponesa e o campesinato, que, apesar de tudo e de todos, segue dando respostas que, se não atendem a lógica capitalista, atendem as necessidades de quem cultiva a terra para colher alimentos e de quem trabalha nas cidades e precisa se alimentar – quando o salário é suficiente, e se tiver emprego.

Então, o processo de modernização conservadora da agricultura brasileira, que evoluiu para o agronegócio, não tem contribuído para resolver o problema da fome e do desemprego no país; pelo contrário, tem gerado concentração de renda e de terra em níveis nunca vistos.

A mesma lógica se aplica à questão da energia elétrica. A construção de centenas de barragens seria para impedir um “apagão”, que prejudicaria o “desenvolvimento” do país. Mas, o que estamos assistindo é a expansão de um modelo energético altamente predatório para a sociedade e para a natureza. Enquanto milhares de camponeses, índios e quilombolas são expropriados pelas águas dos reservatórios, agudiza-se a sangria à economia brasileira com a evasão de divisas pelas empresas do setor e os consumidores residenciais vêm suas contas de energia cada dia mais caras.

## DA ÁGUA AO HIDRONEGÓCIO NO CERRADO

Não é um neologismo. Hidronegócio, obviamente, tem a inspiração no agronegócio. Literalmente, o negócio da água. É a necessidade de se criar uma expressão que abrigue sob sua sombra todos os tipos de negócios que surgem a partir da água.

O negócio da água é múltiplo, assim como seus usos e valores. Hoje a água é negócio na água

engarrafada, no serviço de saneamento ambiental, no seu uso intenso na irrigação, na pecuária, na indústria e assim por diante. O negócio da água até bem pouco tempo era estimado com o mais promissor desse início de milênio. (Malvezzi, 2004 : p 31).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elegeu o tema **água** para a Campanha da Fraternidade de 2004, isso demonstra a preocupação da Igreja Católica com esse bem tão precioso e imprescindível para a vida no nosso planeta. E, se há alguns anos acreditava-se que a água era um bem inesgotável, hoje temos clareza dos riscos que a humanidade corre com a ameaça de sua escassez em qualidade e em quantidade. Grande parte dos homens já padece com a privação de água, seja por falta de acesso a ela, seja pela sua qualidade, comprometida pela poluição e/ou contaminação por produtos químicos e tóxicos, resultado da ação dos grupos econômicos.

O Brasil tem uma oferta privilegiada de recursos naturais, especialmente de água, como indica MALVEZZI:

O Brasil possui em seus rios, segundo dados mais recentes, 13,8% das águas doces do planeta. Temos ainda grande abundância de águas subterrâneas e somos o único país de dimensões continentais em que chove sobre todo o território nacional. Por todos esses dados, é considerado a maior potência mundial em volume de água doce do planeta. Por razões óbvias, as águas brasileiras são objeto de cobiça nacional e internacional. (2004, p. 31)

Nos últimos anos a privatização do setor elétrico tem tido como desdobramento a privatização das águas, pela concessão da exploração dos lagos das hidrelétricas por 35 anos.

Na Região Centro-Oeste, estão localizadas as áreas nucleares do Bioma Cerrado, onde se concentram as principais nascentes das grandes Bacias Hidrográficas Brasileiras, que, junto às veredas e ao Cerrado, formam o **berço das águas** do continente Sul Americano. Mas, as águas do Cerrado estão ameaçadas, quantitativa e qualitativamente pela ação antrópica, através dos desmatamentos descontrolados, destruição e utilização indevida das veredas, irrigação clandestina com pivôs centrais, uso indiscriminado de agrotóxicos, lançamento direto de efluentes químicos, industriais e esgotos urbanos sem tratamento. E, potencializando estes efeitos negativos, a construção de barragens para fins de geração de energia elétrica cria ambientes artificiais, alterando drasticamente a qualidade hídrica, físico-química e biológica, comprometendo as águas do Cerrado. As barragens geram a morte dos solos que, submersos, tornam-se inúteis para qualquer atividade, inclusive, para reduzir o Aquecimento Global, pois os solos vivos são altamente absorvedores de calor e por outro lado, os grandes espelhos d'água funcionam exatamente ao contrário, refletem o calor e os raios solares contribuindo para agravar o problema. Mas isso não está na pauta nacional ou internacional nem de quem discute tais questões nem de quem tem o poder de decisão sobre elas.

O atual modelo energético brasileiro, unimodal, dependente das hidrelétricas, é altamente predatório para a natureza e para a sociedade. Além disso, a expansão das hidrelétricas não resolve a questão da vulnerabilidade do setor, concentrado apenas em uma matriz energética, pois se houver uma seca prolongada mesmo os reservatórios reguladores também poderão secar. E aí vai-se culpar "São Pedro", como fez o presidente Fernando Henrique Cardoso e seus asseclas em 2001?

A preocupação com os impactos regionais sobre o meio natural e social vem crescendo à medida que se conhecem os exemplos de barragens já construídas no Cerrado, especialmente em Goiás, com destaque para Serra da Mesa e Cana Brava, que são lagos altamente poluídos e cujas populações atingidas ainda não tiveram suas vidas resolvidas até hoje.

É no ambiente do Cerrado, ecossistema marginalizado pelas leis ambientais e pelos diversos programas governamentais de preservação, que vários projetos estão em fase de estudo, licenciamento e construção, especificamente para geração de energia elétrica. No estado de Goiás são mais de noventa hidrelétricas projetadas, que, se construídas, deverão inundar uma imensa área, observando-se ainda que, do lado mineiro, na margem esquerda do Rio Paranaíba, mais de uma dezena de barragens completarão o cenário agonizante do Cerrado brasileiro. Em resumo, nas Bacias dos Rios Paranaíba, Tocantins e Araguaia exis-

tem 15 hidrelétricas e mais 94 projetados. São 18 barragens projetadas apenas no Rio Araguaia (Alves 2005).

Estamos na iminência de viver um brutal desastre ambiental se alguma medida não for tomada em defesa do ambiente e da sociedade. Trata-se de modificar substancialmente o regime hídrico das médias e microbacias hidrográficas à montante de cada reservatório, acarretando ajustamentos flúvio/erosivos nas cabeceiras de drenagem, já castigadas pela falta de ordenamento e planejamento do uso do solo, quer pelo adensamento populacional urbano, como no Entorno de Brasília, quer pela expansão da fronteira agrícola para a produção em larga escala para exportação. As grandes fazendas modernizadas (empresas rurais) citadas no item anterior, que ocupam os topos das chapadas, exercem pressão sobre os ambientes de veredas e de matas ciliares que são os elementos de manutenção dos mananciais cerradeiros. Esses empreendimentos, no seu conjunto, acarretam uma série de impactos ecológicos irreversíveis que estão sendo ignorados ou negligenciados pelos órgãos e agências de fiscalização e licenciamento ambientais.

Sobre os efeitos de represamento dos rios e afogamento das veredas, FERREIRA, em tese de doutorado, escreveu:

A formação de reservatórios tem sido um dos principais fatores que vem degradando as Veredas. Para a formação dos mesmos, é necessário o alagamento de extensões que, na maioria das vezes, extrapolam até mesmo a área ripária da Vereda. Como consequência imediata, praticamente toda a vegetação é morta, até mesmo algumas espécies que são mais resistentes às condições hidrófilas, porém não suportam o afogamento de suas raízes, como é o caso do Buriti (*Mauritia vinifera*) e das gramíneas. O represamento, de imediato, modifica o ambiente lótico que passa a ser bêntico, com mudanças drásticas da fauna e da flora aquáticas; inunda extensas áreas, destruindo ambientes e terras, às vezes de alto valor agrícola, ecológico ou arqueológico; cria barreira ecológica para a migração de espécies da fauna, principalmente da ictiofauna e a mais cruel das consequências – a morte da Vereda. (FERREIRA 2003, p 187)

Como fica claro no texto de Ferreira, as barragens, ou seja, a mudança drástica de condição de águas correntes para águas represadas traz consequências irreversíveis para o ambiente. E como o autor adverte, a morte das veredas compromete o ciclo das águas:

A preservação dos subsistemas de veredas é garantida pela qualidade da água, desde que medidas sejam tomadas para assegurar que as mesmas não sejam poluídas nos cursos decorrentes das nascentes, nem sejam transformadas em represas, alterando a disponibilidade de oxigênio na água. (FERREIRA 2003, p132)

O sistema de veredas, que são indispensáveis para a plenitude dos mananciais do Cerrado, sofre ataques das monoculturas que avançam vereda adentro e a cada ano roubam-lhes espaços vitais e ateiam fogo até que, em pouco tempo, o arado já não atola mais e da vereda não fica nem vestígios, são incorporadas aos *mares* de soja. Se as veredas não desaparecem sob o *mar* de soja, elas sucumbem afogadas pelas hidrelétricas. Aí está posto um grande problema que com o agronegócio e seu par, o hidronegócio, não tem se preocupado: a evidente redução da águas do Cerrado.

A energia elétrica gerada a partir do barramento dos rios, com a formação de imensos lagos, é a destruição dos ecossistemas e o deslocamento compulsório das populações ribeirinhas. O discurso oficial e economicista de que a energia gerada a partir de grandes represamentos é “limpa” contribui para reduzir o conceito de degradação ambiental, ignorando muitas formas de poluição e tem negligenciado as pesquisas sobre fontes alternativas de geração de energia. Ao se afirmar que a energia hidrelétrica é “renovável” não se discute o tempo de duração de tal “renovação” vez que a vida útil de uma usina, nas áreas de Cerrado, fica muito comprometida com os processos de erosão dos entornos (agricultura modernizada) e o conseqüente assoreamento dos lagos.

Em um país tropical como o nosso, com vasto território e extenso litoral, as possibilidades de aproveitar a energia do Sol, dos ventos, da biomassa e mesmo das correntes marítimas são incalculáveis. Mas sabemos que discutir tais questões passa necessariamente pela crítica do próprio modelo econômico e energético vigente. O referido modelo energético

foi aprofundado no governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso com a privatização do setor, o que, na verdade, foi a transferência da energia e o controle das águas para grandes conglomerados econômicos, muitos deles estrangeiros, abrindo mão desses dois recursos imprescindíveis à soberania de qualquer nação. Sobre o processo de privatização do setor elétrico ALVES afirma:

Um dos argumentos usados no bojo da privatização foi o realismo tarifário para o consumidor, sobretudo o residencial. Entre 1995 e 2002 as tarifas subiram 182,6% para a energia residencial, 130,3% para a industrial, 130,1% para a energia comercial e 110,2% para a rural, enquanto a inflação acumulada no período foi de 58,68%. O presidente prometia dinheiro estrangeiro para promover a expansão do respectivo sistema elétrico (foi o BNDS que financiou a maior parte dos investimentos privados) e ainda dólares para o Brasil, quando se sabe que a geração e a distribuição de energia elétrica são pagas em reais, enquanto a remessa de lucros das empresas estrangeiras passam a sangrar permanentemente as reservas brasileiras. (Alves 2005, p 43)

E se o modelo energético brasileiro é excludente e predatório como um todo quando se expande às áreas do Cerrado os impactos ambientais e sociais se agravam. O Cerrado é um ambiente extremamente explorado, especialmente pela agricultura modernizada, que em menos de quarenta anos, modificou drasticamente a paisagem, com destaque para os extensos chapadões que se tornaram imensos *mares* de soja. Os camponeses que não sucumbiram à *modernização* foram “empurrados” para as áreas enrugadas e para os vales dos rios, onde ainda resistem como produtores de alimentos para a cesta básica do povo brasileiro. A construção de barragens nos rios do Cerrado desaloja esses camponeses, que deixam de ser produtores e se tornam tão somente consumidores, potencializando os já graves problemas urbanos, além de afogar as últimas áreas de refúgio de fauna e flora típicas do bioma Cerrado.

O deslocamento compulsório é um sério problema para a maioria dos atingidos, especialmente os pequenos produtores, residentes nas áreas por várias gerações. Naqueles sítios estão suas raízes culturais, sociais, afetivas, construídas em um ambiente que se modifica radicalmente. Estes exímios trabalhadores da roça, que são capazes de produzir alimentos e matérias-primas mantendo o equilíbrio ambiental, quando jogados nas cidades estão “desqualificados” para os serviços urbanos e, assim são transformados de marginalizados em “marginais”. Em um país onde já existem milhões de pessoas desempregadas e passando fome, desalojar da terra famílias camponesas, quilombolas e índios é, no mínimo, uma política contraditória. Especialmente porque sabemos que a energia gerada a partir dessa fonte naturalmente grátis é, em grande, para sustentar a exportação de alumínio e ferro gusa, cujo custo de produção fica muito reduzido, pois cerca de 50 por cento deste é de energia. E empresas como a Alcoa, Tractbel, Votorantin e outras do setor eletro-intensivo se beneficiam com a privatização da geração e distribuição de energia e por conseguinte privatizam o próprio Estado Brasileiro.

O barramento dos mananciais cerradeiros pode ter conseqüências para todo o equilíbrio do sistema hídrico a curto, médio e longo prazo, não só para o Brasil como para toda a América do Sul, cujas principais bacias hidrográficas são alimentadas por mananciais oriundos do Cerrado brasileiro. É necessário também se considerar a tendência à diminuição da vazão e desaparecimento das nascentes que ficam sob o espelho d'água. Mas, prevalece a lógica capitalista do lucro imediato em detrimento do ambiente e da sociedade. Nesse sentido, ALVES comenta:

Faz parte da mesma lógica de mercantilização e de privatização o direcionamento dos recursos naturais do país para uma melhor inserção na divisão internacional do trabalho que, em sua forma mais atual, é também na (re)divisão internacional dos prejuízos ambientais e dos riscos de acidentes na produção industrial. Se para as poderosas corporações internacionais nossos recursos podem servir para baratear seus custos na escala global, pouco importa se o mercado interno está ou não atendido, se o serviço público é ou não oferecido. (ALVES 2005, p. 48).

Como foi dito anteriormente a questão passa pela crítica do próprio modelo econômi-

co, claramente colonizado, do país e o modelo energético é um desdobramento disso, e mesmo por isso deve ser questionado e transformado no sentido de ser menos predatório para a natureza e para a sociedade.

É preciso que os projetos de construção de hidrelétricas sejam submetidos a um planejamento regional que tenham o rio como uma unidade territorial de planejamento integrado de geração de emprego e renda e de melhoria da qualidade de vida da população residente, e não mais serem discutidos, analisados e licenciados da forma individual como vem ocorrendo, deixando para os estreitos limites dos Estudos de Impacto Ambiental e Relatórios de Impacto Ambiental (EIA/RIMAs) as definições de sua viabilidade. Mesmo porque, nesses estudos, as análises de custo-benefício sempre são favoráveis ao empreendedor. Um dos grandes engodos está relacionado à questão dos empregos que o setor cria, principalmente durante as obras de construção das hidrelétricas, mas nem se discute a precariedade desses empregos e menos ainda a transitoriedade dos mesmos. Em contrapartida não se consideram os postos de trabalho permanentes que são perdidos e nem a riqueza produzida nas áreas inundadas, seja a produzida pelo trabalho humano, seja biodiversidade natural, especialmente do Cerrado. Fala-se em indenizações e minimização de “impactos”, mas, o que pode indenizar a perda do lugar, da cultura, das tradições e do modo de vida?! Como “minimizar” a extinção de espécies de fauna e flora e de ecossistemas inteiros?! É a privatização dos recursos naturais por um pequeno grupo da elite econômica do país em detrimento de toda a sociedade. *De primero aqui num tinha cerca.*

## MAIS UM TANTIM DE PROSA

As avós cerradeiras, muito sábias e cuidadosas com a saúde da família recorriam aos “santo remédio” do Cerrado e na forma de implastros, garrafadas, banhos e chás de plantas como: Barbatimão; Pé de Perdiz; Algodãozinho; Lixeira; Pau Doce; Sucupira; Lobeira; Articum; Óleo de Copaíba e outros, amenizavam muitas dores e curavam muitas feridas. Sabiam curar as feridas do corpo e da alma com as rezas e as bênçãos. As novenas do Santo Padroeiro e os Terços Cantados “arreunia” toda comunidade com festas e comilanças. A imagem do Santo Padroeiro permanecia em uma morada por alguns dias abençoando aquela família depois era levado em procissão para outra casa onde já era esperado com um altar cheio de flores.

Quando um vizinho estava “precisado” a comunidade se reunia e organizava a “treição” ou o mutirão de ajuda mútua. A festa começava com a chegada de todos juntos ainda de madrugada com gritos e foguetório. O beneficiado era pego de “surpresa” mas coincidentemente, na véspera havia matado o porco e as galinhas já estavam debaixo do balaio, prontas para serem abatidas. Durante todo o dia as mulheres cuidavam da farta comida e os homens batiam pasto, limpavam o rego, colhiam a roça... E a noite, para completar, se organizava o pagode, no qual o sanfoneiro e o violeiro tocavam e cantavam, enquanto todos dançavam e depois iam embora ainda catando suas modas pelos trieiros iluminados pela lua. Havia ainda o mutirão de fiandeiras, organizado especialmente pelas mulheres e meninas para ajudar as vizinhas que tinham colhido o algodão e precisavam de “fiar” porque assim era melhor para conservar o mesmo. As fiandeiras não só fiavam, mas faziam todo o processo de beneficiamento do algodão com descaroçar, bater e cardar. O “serviço” era feito entre muita cantoria e muita comida.

Os camponeses, com estas práticas, reafirmavam a solidariedade que lhes era, e ainda é natural, onde o campesinato ainda resiste as investidas do capital e do capitalismo, como em algumas comunidades no interior de Goiás.

O sabor da Gabiroba, o cheiro do Pequi, o colorido dos Ipês, o grude delicioso da Mangaba, a acridoce do Cajuzinho, a pregança da Mamacadela, o amargo da Gairoba e outros encantos do Cerrado, que hoje já são tão raros, certamente só serão conhecidos pelas gerações futuras porque alguém teve a idéia de fazer museus do Cerrado com amostras de fauna e flora, filmes e fotos dos Povos Cerradeiros.

O agro e o hidronegócio estão devorando a biodiversidade do Cerrado e muitos estão

preocupados com isso, mas, infelizmente, aqueles que têm clareza das contradições desse processo não têm o poder de decidir. E os que deveriam impedir essas tragédias humanas e ambientais se locupletam e tiram proveito imediato do empobrecimento do povo e do ambiente.

Não estou fazendo lamúrias ou declarações romantizadas, mas questiono o papel do capital que ao se reproduzir e do capitalismo que ao se territorializar destrói o ambiente, culturas, modos de vidas e em primeira e última instância elimina vidas em todas suas manifestações.

Aproveito a oportunidade para questionar a inversão de valores que é o mundo capitalista no qual exportar alumínio é mais importante que preservar um rio que jorra vida em suas várias manifestações. Que campo é esse em que os solos precisam ser assassinados para se transformarem em suportes para monoculturas de exportação? Que sociedade é essa em que a vida humana vale menos que uma cerca de latifúndio? Que país é esse que exporta alimentos enquanto grandes parcelas de seus filhos passam fome? Que nação é essa em que a cidadania é privilégio de poucos? Que governo é esse que é subserviente ao capital? Que justiça é essa que criminaliza os Sem Terra e os meninos pobres? Que mundo é esse em que a saúde dos bancos e dos banqueiros é mais importante que a saúde das crianças? Que IBAMA é esse que concede licença para as hidrelétricas no rio Madeira depois dos desastres de Balbina e Samuel? *Diz qui é pgresso! Num sei não... (...) Num sei se vai risurtá im coisa boa! (...) u povo tá mais pobre... Só us dono é qui fica mais rico!* Sábias palavras de velho um camponês que achava que nem sabia falar.

Eu poderia fazer muito mais perguntas como essas, mas prefiro acreditar que tudo isso é uma construção humana e, como tal, é possível e passível de desconstrução/reconstrução. É como diz o poeta “tudo vale a pena se a alma não é pequena”. E a alma camponesa é uma grandeza e uma beleza, com certeza! Assim como as flores, as cores, os odores, os sabores e os saberes do Cerrado.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. (org.). **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade**. Goiânia: Record. 2002.
- ALVES, J. M. **Processo de eletrificação em Goiás e no Distrito Federal: retrospectiva e análise dos problemas políticos e sociais na era da privatização**. 2007. 288 f. Tese (Doutorado em Engenharia mecânica) - Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BARTHAL JR. R. e outros (org) **A difícil sustentabilidade**. Política energética e conflitos ambientais. Rio de Janeiro: Garamond. 2001.
- BRANCO, A. M. (org). **Política energética e crise de desenvolvimento: a antevisão de Catullo Branco**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CASSEL, G. **Agricultura familiar: escolhas e desafios**. In Folha de São Paulo: Tendências/Debates, 30/07/2007.
- CHAVES, M. R. **Descentralização da Política de Meio Ambiente no Brasil e a Gestão dos Recursos Naturais no Cerrado Goiano**. 2003. 187 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- CONFERÊNCIA dos Bispos do Brasil (CNBB). **Água: Fonte de Vida**. Campanha da Fraternidade, 2004.
- GERMANI, I. G. **Expropriados Terra e Água: o conflito de Itaipu**. Salvador: UDUFBA/ULBRA, 2003.
- FERREIRA, I M. **O afogar das veredas: uma análise comparativa espacial e temporal das veredas do Chapadão de Catalão**. 2003. 242 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano**.

Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2004 – tese de doutorado

MESQUITA, H. A. de. **A Modernização da Agricultura**: um caso em Catalão -Goiás. 1993. 145 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás. Goiânia.

MESQUITA, H. A. de. **A mais recente ameaça ao bioma Cerrado**. In: Revista UFG – Ensino -Pesquisa – Extensão – Cultura. Junho/2005 – ano VII – Nº 1, p 21 a 24.

MÜLLER-PLATENBERG, C & AB’SABER, A. (org.). **Previsão de impactos**. São Paulo: EDUSP, 2002.

MALVEZZI, R. Hidronegócio. In: **III Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra**. 14 a 18 julho de 2005. Goiás, p 31 a 36.

OLIVEIRA, A. U. de. **Barbárie e Modernidade**: As transformações no campo e o agronegócio no Brasil. In Terra Livre Nº 21 AGB, 2003, p.13 a 156

ORTIZ, L S. (org.). **Fontes Alternativas de Energia e Eficiência Energética**: opção para uma política energética sustentável na Brasil. Campo Grande: Coalizão Rios Vivos/Fundação Heinrich Böll, 2002.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REIS, M.J. & BLOEMER, N. M. S. (org) **Hidrelétricas e populações locais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

Projeto de pesquisa: **Expropriados da barragem AHE Serra do Facão – Rio São Marcos**: uma trajetória de incertezas. SAP/UFG 2769. Coordenadora Prof<sup>ª</sup>.Dr<sup>ª</sup>. Helena Angélica de Mesquita. Início 04/2002.

Pesquisa de campo: 2008/2009

Comunidade Rural Anta Gorda/Catalão-GO;

Comunidade Rural Forquilha/Catalão-GO;

Comunidade Rural Bota-Fogo/Três Ranchos-GO

Comunidade Rural: Paraíso/Ouvidor-GO

**Sites acessados:** <http://www.mabnacional.org.br>

<http://www.cptnac.br>

<http://www.riosvivos.com.br>.

MESQUITA, H. A.

ONDE ESTÃO AS FLORES, AS CORES, OS ODORES...